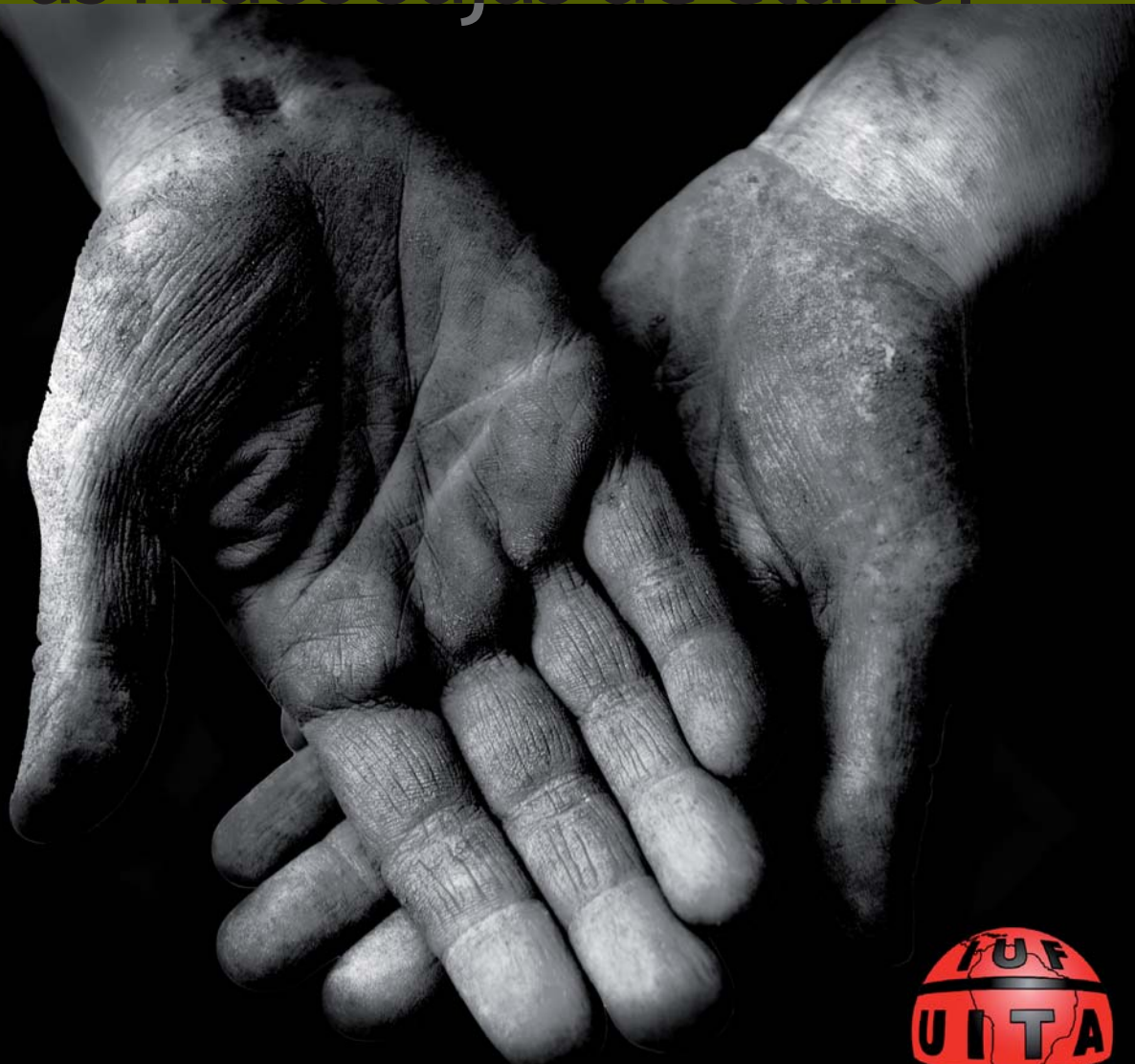


BRASIL as mãos sujas de etanol



Um vídeo da Rel-UITA e da FERAESP,
com o apoio do sindicato NGG da Alemanha
e da LO-TCO da Suécia.





Dos mais altos escalões do governo e do agronegócio, o Brasil promove o etanol como combustível limpo e próprio da modernidade. Por trás da fachada e os esforços de marketing oficial, no entanto, centenas de milhares de trabalhadores deixam a sua saúde e até mesmo sua vida em uma tarefa que pode ser chamada de qualquer coisa, menos de “limpa” ou própria do século XXI.”

Etanol: a nova tecnologia

A miséria de sempre

Para qualquer lado que se olhe, a vista sempre encontra as suaves ondas que o vento espalha sobre a palha das canas, o céu aberto azul, algumas nuvens distantes, brancas como o açúcar. Só vendo para compreender, porque a mente custa a imaginar um deserto verde tão perfeito como os canaviais do norte do Estado de **São Paulo**.

A cenoura como isca na ponta da vara, atrás da qual corre toda uma ambição, chama-se etanol, qualificado como a “**energia limpa**” ou o “**biocombustível do século XXI**”. O etanol, carro-chefe do governo brasileiro, conta com um enorme agronegócio e se apoia nos milhares de trabalhadores pobres produzindo em péssimas condições de trabalho para atender uma parcela significativa da demanda mundial deste combustível.

A **Rel-UITA**, com o apoio **do Sindicato da Alimentação e Afins da Alemanha (NGG), da Central de Trabalhadores da Suécia (LO-TCO) e da Federação dos Trabalhadores Rurais assalariados do Estado de São Paulo (FERAESP)**, recolheu os testemunhos dos trabalhadores que estão na origem dessa riqueza, aqueles que são apenas donos das suas próprias mãos e de um corpo que usam para cortar a cana-de-açúcar no campo, debaixo do sol abrasador ou da chuva torrencial, para poderem levar um salário de miséria para seus lares.

Há poucos dias, uma equipe da **Rel-UITA**, integrada por **Silvia Martinez, Pedro Dantas, Daniel Santos e Carlos Amorin**, viajou pelo interior do estado de São Paulo rodando um documentário sobre as condições de trabalho

dos cortadores de cana-de-açúcar daquela região.

Ao lado da **FERAESP**, a equipe percorreu uma extensa área canavieira, entrou em várias propriedades onde estavam cortando cana, entrevistou inúmeros cortadores de cana em várias situações, alguns técnicos vinculados à **Universidade de São Carlos**, a **Inspeção do Trabalho de Araraquara**, além de militantes e dirigentes sindicais.

O trabalho no campo confirmou o que vem sendo denunciando há vários anos, mas poucas vezes foi registrado em vídeo. E mesmo já se sabendo do que ia ser visto, nem por isso deixou de ser menos impactante.

Diante de uma agroindústria que admite uma renda de 28.000 milhões de dólares por ano, significando 2 por cento do PIB nacional, 900 mil cortadores de cana mal conseguem ganhar o suficiente para não morrerem de fome junto com suas famílias.

A tarefa do corte de cana em si é extremamente penosa e fisicamente desgastante. A cada manhã, os trabalhadores se lançam sobre o sulco da cana com o machete na mão, sabendo que, centenas de metros mais à frente, depois de haverem cortado de 10 a 12 toneladas de cana, terão ganhado apenas o mínimo necessário para comprar alguns alimentos e, no caso dos trabalhadores migrantes, para eventualmente enviar algo para suas famílias que estão longe.

Um dia no canavial

Quando o trabalho é uma fornalha

A jornada começa às 4:30 da manhã, quando os trabalhadores se levantam para preparar as suas marmitas- as bóias-frias, em português- organizar a sua roupa de trabalho e as luvas que foram lavadas na noite anterior -agora livres da fuligem preta e pegajosa- encher uma garrafa térmica com cinco litros de água e tomar um café quente, se for o caso, antes de ir para o ponto do ônibus que vai levá-los ao campo onde eles trabalharão o dia inteiro.

A viagem pode durar de uma hora e meia a duas horas no final da colheita, quando os campos ainda sem cortar estão mais distantes dos centros povoados. A tarefa começa assim que eles chegam ao campo selecionado para ser devastado naquele dia, e não vai parar até as 11h30min, quando fazem uma pausa para almoçar.

Exaustos, seguramente com vários litros de água a menos no corpo, os cortadores se chegam ao ônibus do qual são estirados uns toldos finos que oferecem um pouco de sombra, onde são alinhadas algumas mesas pequenas e algumas cadeiras dobráveis. Há alguns meses que, na teoria, todos os ônibus deveriam ter um reservatório de água potável e fria à disposição dos trabalhadores, mas muitos não cumprem esta determinação para economizar combustível. Os condutores e os proprietários dos ônibus são geralmente os próprios capatazes que subcontratam os cortadores.

Os recipientes com a comida estão dentro dos ônibus, onde a temperatura facilmente ultrapassa os 40 graus. Não há ônibus com geladeira. O alimento, mesmo previamente cozido, muitas vezes fermenta e mal dá pra comer. Nesta precariedade, se destaca a ausência de higiene, e as infecções gastrointestinais são bem comuns.

Uma hora de descanso e de volta ao canavial. O machete fica mais pesado a cada minuto, o calor é sufocante, a poeira levantada do chão, como resíduo da queima da cana, enche os pulmões, tinga a saliva de preto. Alguns acabam mais rápido do que outros, e para encurtar a espera ajudam os retardatários. Qualquer coisa para sair deste inferno, assim que possível.

São 16 horas. No ônibus, ninguém conversa na volta. A energia restante é utilizada pra beber água e comer algo, se sobrou do almoço.

O transporte vai largando a sua carga humana à medida que atravessa a cidade. Chegando em casa, se está casado, o trabalhador pode tomar um banho, por roupas limpas, passar um tempo com sua esposa e filhos, jantar e se deitar até o dia seguinte, quando começa outra jornada.

Se o trabalhador é sozinho, seguramente divide o alojamento com outros trabalhadores, a maioria migrantes do Norte e Nordeste do Brasil. Ele terá que esperar a sua vez de tomar banho, lavar suas roupas de trabalho, comerá algo cozido rapidamente e irá para a sua cama, colchão, ou dormirá num simples papelão jogado no chão, sem tempo para mais nada. Outros, exaustos de um cansaço devastador, muitas vezes caem vencidos sem conseguir completar algumas destas tarefas.

Quando fechar os olhos, o trabalhador nem sequer terá o consolo de ter ganhado um salário digno. Se tiver cortado muito, receberá uns 30 reais, se não cortou muito, ganhará algo assim como 20 reais. Uns US\$ 11. Com isso terá que cobrir suas despesas diárias: luz, água, itens de limpeza, alimentos, gás.



Uma hora de descanso e de volta para o canavial. O machete fica mais pesado a cada minuto, o calor é sufocante, a poeira levantada do chão, como resíduo da queima da cana, enche os pulmões, tinge a saliva de preto.

Os sonhos de açúcar

O pesadelo da cana

Muitos vêm de regiões remotas com a ilusão de economizar dinheiro para enviar às suas famílias, para começar a construir uma casa, para mudar de vida, mas encontram a exploração mais gritante e um sentimento que emerge dos lábios de praticamente todos os que se atrevem a falar: **humilhação.**

Não só se sentem explorados, mas também humilhados, maltratados, agredidos pelos capatazes e patrões, discriminados pela sociedade local que os tolera como um mal necessário, entretanto lhes nega o status de seres humanos iguais a qualquer um. Animais do canavial.

Eles vivem nas periferias, em alojamentos construídos especialmente para eles por comerciantes locais ou vizinhos empreendedores que cobram alugueis a um preço elevado. No melhor dos casos, são moradias de alvenaria, mas a superlotação é inevitável. As famílias vivem em casinhas de quarto, sala, cozinha e banheiro, tudo bem pequeno.

Os solteiros ficam amontoados, de doze a catorze pessoas, em um espaço semelhante. É difícil manter a higiene com tanta gente tão cansada. Todos dormem onde der. Alguns dormem praticamente no chão durante os nove ou dez meses que dura a colheita. Outros são mais bem organizados e conseguem manter uma ordem semelhante à de uma casa, embora seja um ambiente muito apertado.

Estes são apenas alguns fragmentos da realidade que a equipe de filmagem da **Rel-UITA** encontrou no terreno.



O Etanol, política de Estado

O Estado, o combustível do etanol

A maior parte dos casos de trabalho escravo no **Brasil** foi comprovada nos canaviais de etanol, e isso não é uma mera casualidade, mas uma causalidade.



Os usineiros, por sua vez, querem que ninguém se lembre que eles mantêm com o Estado uma dívida impagável de bilhões de dólares em empréstimos concedidos praticamente sem garantias, e isso sem levar em conta os milhares e milhares de milhões de dólares derramados sobre as usinas em caráter de subsídios diretos.

O setor continua crescendo amparado no apoio do governo; estão sendo construídas mais e maiores usinas; as culturas de cana-de-açúcar estão se expandindo para novas regiões onde antes eram plantados alimentos.

A maior parte dos casos de trabalho escravo no **Brasil** foi comprovada nos canaviais de etanol, e isso não é uma mera casualidade, mas uma causalidade.

Os sindicatos, como a **FERAESP**, lutam com denodo - mesmo arriscando a sua própria pele - para chegar até estes contingentes com uma mensagem de esperança, organização e dignidade. Muitas vezes conseguem, outras fracassam, limitados pelo medo imposto pelas empresas, pela ignorância dos trabalhadores sobre os seus direitos trabalhistas, sobre os seus direitos em geral - entre eles campeia o analfabetismo - muitas vezes há que começar tudo de novo a cada ano, pois os trabalhadores migrantes constituem uma população altamente volátil.

Durante a rodagem do vídeo, encontramos cortadores de cana acampados fora das cidades, devidamente registrados nas listas do Estado e do Sindicato, na esperança de receber um pedaço de terra para serem agricultores. Da mesma forma que aqueles que já estão assentados, produzindo, em parceria com outros assentamentos, aprofundando a sua organização e apoiando aqueles que ainda não tenham conseguido o seu pedaço de terra.

É possível que muitos deles ignorem os seus direitos, mas não as suas origens, suas raízes. A reforma agrária, uma reforma verdadeira, profunda e completa, que dê sentido econômico, mas também social, político, cultural e soberano ao uso da terra é o que clamam estes camponeses que foram deslocados pela miséria e pela fome para ser integrados a um exército de mão-de-obra barata, quase escrava. Eles sabem na própria carne que a terra liberta quando é sustento familiar, mas acorrenta e mata quando é uma simples engrenagem de uma produção industrial. ■

BRASIL:
As mãos sujas do etanol

Produção jornalística:

Carlos Amorín
Gerardo Iglesias

Design e Edição:

Wilson Marx
Darío Falero

Tradução:

Luciana Gaffrée

Apoio:

